

Do material ao arquivo: a constituição do *corpus* de pesquisa em perspectiva discursiva e a polêmica tradição x novidade

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i2.3663>

Thais Rosa Viveiros¹
Manoel Luiz Gonçalves Corrêa²

Resumo

Este é um trabalho piloto, que privilegia a teoria de base ao mesmo tempo em que analisa um exemplar de um conjunto de 60 textos publicados em formato digital de 2019 a 2021, no “Blog dos Colégios”, no jornal *O Estado de São Paulo* e que faz parte de investigação maior em nível de doutorado. Assumindo uma perspectiva discursiva em Linguística Aplicada, volta-se para a constituição do material como parte do “arquivo” (Guilhaumou; Maldidier, 2016). O objetivo é distinguir o centro polêmico organizador do discurso que autoriza os anúncios publicitários, publicados no *Blog* com o tom de artigos de opinião. Buscamos, para tanto, regularidades pragmático-discursivas entre língua (“tradições retóricas” – Guilhaumou; Maldidier, 2016) e história (paráfrases que retomam o processo discursivo). Os resultados atestam a polêmica tradição x novidade como organizadora desse discurso.

Palavras-chave: arquivo; *blog*; produção dos dados de pesquisa; regularidade.

1 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; thais.vive@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-1303-2816>

2 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; mcorrea@usp.br; <https://orcid.org/0000-0003-3638-7086>

From the material to the archive: constitution of research corpus in the perspective of discourse and the tradition x novelty controversy

Abstract

This is a pilot project that focuses on analyzing a sample of 60 published texts in digital format, between 2019 and 2021, on “Blog dos Colégios” in the newspaper *O Estado de São Paulo*. The present study is part of a larger research at doctoral level. Based on a discursive perspective in Applied Linguistics, it focuses on the constitution of the material as part of the “archive” (Guilhaumou; Maldidier, 2016). To this purpose, it is based on the search for pragmatic-discursive regularities between language (“rhetorical traditions” – Guilhaumou; Maldidier, 2016) and history (paraphrases that reconstruct the discursive process), referring both to the text itself and the external factors that constitute it. The results showed that historical particularities constituting language events are instigators of polemics, in the studied case, the polemic of tradition vs. novelty.

Keywords: archive; blog; production of research data; regularity.

Introdução

Na qualidade de trabalho piloto, este estudo explora aspectos teóricos de base e analisa um exemplar dos 60 textos publicados no “Blog dos Colégios” no período de dezembro de 2019 a setembro de 2021, que compõem o material de uma pesquisa maior (de doutorado), conduzida pela primeira autora. O “Blog dos Colégios” é um ambiente de comunicação digital presente no *site* do jornal *O Estado de São Paulo*. Nesses *blogs*, há textos de articulistas e jornalistas que escrevem/refletem sobre educação (textos estes que estão fora do escopo deste trabalho) e uma série de outros *blogs*, alimentados por instituições de ensino consideradas de alto padrão do estado de São Paulo. O caderno *Estadão.edu* – hoje, apenas virtual – convidou, em 2015³, algumas instituições de ensino da cidade de São Paulo, consideradas de alto padrão, na esteira da publicização de resultados em exames como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A finalidade anunciada é a de que essas instituições de ensino assumissem uma colaboração na criação de *blogs*, disponibilizados na página *Estadão.edu*, nos quais elas pudessem fazer publicações de seu interesse no sentido de propor reflexões sobre a educação. Naturalmente, as assim chamadas “reflexões sobre a educação” não raro são uma espécie de “escritas de si” enquanto instituições que, no mercado, oferecem educação como mercadoria. Nesse

3 Recentemente, o *website* do *Estadão* passou por uma reformulação; por esse motivo, os textos dos *blogs* só estão disponíveis a partir do ano de 2017.

contexto, o “Blog dos Colégios” constitui-se como um espaço organizado em *webring*⁴, havendo uma interligação entre os *blogs* disponíveis no “Blog dos Colégios”.

Para conceber o material de pesquisa como “arquivo” (Guilhaumou; Maldidier, 2016), noção à qual voltaremos adiante, buscamos passar da constitutividade da relação língua e história, inscrita nos textos analisados, à sua constitutividade também no trabalho metodológico de produção do *corpus*, fato que torna a consideração de determinados elementos das condições de produção como incontornáveis. Destacamos, particularmente, o fato histórico da pandemia pelo novo Coronavírus SARS-COV-2 que perdurou por 19 dos 22 meses em que a coleta dos textos foi feita a partir do “Blog dos Colégios”. Importa destacar, particularmente, não o fato histórico relacionado à saúde pública, mas os seus desdobramentos no campo da educação. Neste campo, a pandemia se traduz em evidência da eficácia da inovação tecnológica, permitindo eliminar os riscos de aglomeração e, ao mesmo tempo, economizando tempo, pessoal (o professor pode acumular várias turmas, por exemplo) e, sobretudo, dinheiro. Com ou sem ligação com essas vantagens tão atraentes para as instituições privadas, o trabalho remoto, bem como a sala de aula remota, foram soluções rápidas que, não menos rapidamente, catapultaram a educação remota à novidade que beneficiaria também os estudantes por supostamente permitir-lhes uma gestão mais autônoma do tempo. Desse modo, tanto no que se refere ao tempo de exposição às aulas, então gravadas e disponibilizadas para consultas assíncronas, quanto no que se refere à distribuição das tarefas, a inovação recaía também na promessa de autonomia do estudante, fazendo crer, além de tudo, numa imediata mudança no cenário crônico de má qualidade do ensino. A partir do suposto incremento de sua autonomia, a estatura do aluno cresce; a do professor, relegado à posição de um não nativo digital, minguava; enquanto o empresário da educação ganhava a chance de chegar a um estágio de investimento pleno ao vender a educação como um produto melhor, mais barato e direcionado para autonomia (de tempo e dinheiro) e o sucesso do estudante. Nesse ambiente, a inovação tecnológica encarna a parceria entre essas escolas e seus clientes como vantajosa para todos. Reinventava-se a modalidade de ensino a distância, prevista já na LDB nº 9394/96, na premência de uma prática pedagógica de outra natureza, a do ensino remoto durante a pandemia.

Esboçada a implantação dessa novidade, é importante lembrar que ela não é, na verdade, um adquirido marcado pela “modernidade” ou pela contemporaneidade, embora haja um “novo” contemporâneo. Essa ideia de novidade não pode ser desvinculada da imagem de uma escola que deixa de ser o lugar onde é “[...] a sociedade que garante o direito à cultura a seus membros” (Laval, 2019, p. 17) para assumir “o caráter fundamental da nova ordem educacional” (Laval, 2019, p. 30), que implica “uma valorização da empresa, que é elevada

4 “*Webring* é um sistema de organização de *sites* por tema, criando uma estrutura de interligação circular (ou anel) entre os *sites*. De uma forma indireta, o *webring* pode ser entendido como uma ferramenta de otimização para sistemas de busca” (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Webring>. Acesso em: 11 jul. 2024).

a ideal normativo” (Laval, 2019, p. 30). Ao mesmo tempo, do ponto de vista do estudante, “[...] a principal competência, a *metacompetência*, consistiria em ‘aprender a aprender’ para enfrentar a incerteza alçada à exigência permanente da existência humana e da vida profissional” (Laval, 2019, p. 141, grifo do autor)⁵.

Nessa conjuntura sócio-histórica, a relação polêmica que se estabelece – na oposição tradição x novidade –, ancora-se numa visão de modernidade que parece alçar o sujeito a um lugar de “aprendizado ao longo de toda a vida” (Laval, 2019, p. 141), sendo a escola o ambiente cuja responsabilidade é transmitir as competências necessárias a esse aprender para sempre, sobretudo a administrar uma flexibilidade que retira todas as bases sólidas das instituições sociais “clássicas” – associadas, portanto, a uma ideia de arcaísmo e, por consequência, de inadequação. Segundo Laval (2019, p. 48), é preciso considerar que:

O sentido da escola muda: ela não é mais um lugar de assimilação e convívio com grandes narrativas onde se moldam caracteres estáveis para situações sociais bem definidas, mas um local de formação de caracteres adaptáveis às variações existenciais e profissionais em incessante movimento.

Considerados esses elementos de contextualização sócio-histórica como integrantes dos dados de pesquisa com os quais tomamos contato nos textos do “Blog dos Colégios” e o objetivo mais amplo de distinguir o centro polêmico organizador do discurso que os autoriza, os objetivos específicos deste estudo são (i) evidenciar o percurso da geração de dados de pesquisa a partir de uma publicação selecionada para este artigo, a qual figura como exemplo de análise; (ii) apresentar os eventos de linguagem recortados por meio dos quais foi possível realizar uma leitura interpretativo-analítica, mais especificamente, da relação polêmica nele instaurada.

Metodologia

Visando à consecução desses objetivos, tomamos como ponto comum o fato de que a abordagem teórica que orienta o tratamento de fatos discursivos impõe a apreensão, a um só tempo, do linguístico e do histórico. Para cumprir com o objetivo (i), contextualizamos o *blog* como gênero e como suporte e, a partir dessa contextualização, registramos o percurso de acesso ao material, constituindo uma regularidade pragmático-discursiva

5 “Aprender a aprender”, esse conceito tem sido considerado norteador de boas práticas educacionais por grande parte dos gestores do campo da educação hoje; é máxima que vem acompanhada da “noção de *aprendizagem ao longo da vida*, intimamente associada às noções de *eficiência*, *desempenho* e *competência*, que transferem a lógica econômica para a lógica escolar em nome de uma representação fundamentalmente prática do saber útil graças a categorias mentais homogêneas” (Laval, 2019, p. 69, grifo do autor).

que, ao pôr em relação língua e história, remete à noção de “arquivo” (Guilhaumou; Maldidier, 2016), e que, portanto, a um só tempo, remete a si mesma e à exterioridade que a constitui, ponto em que emerge o dado de pesquisa. Para cumprir o objetivo (ii), propomos interpretar a regularidade pragmático-discursiva pela relação polêmica estruturante desse discurso, que – vale insistir – abre-se à interpretação pelo encontro do histórico, do social e da materialidade da língua ao jogar com o que seria a “tradição” e a “novidade” em educação. Dois esclarecimentos conceituais se fazem necessários: sobre o *blog* e sobre o recorte do material, concebido a partir da noção de “arquivo”.

Do *blog* ao “Blog dos Colégios” e ao gênero do discurso nele privilegiado

O *blog* – como suporte de enunciados ou como, originalmente, um gênero aproximado ao diário íntimo –, surgiu na primeira década do século XXI, na esteira da universalização do acesso à internet, ampliação que abriu espaço para enunciadores não pertencentes aos canais midiáticos institucionalizados – como a imprensa oficial. A internet, como meio de circulação de enunciados, dada a velocidade e a agilidade na produção e na circulação desses enunciados, permitiu

[...] reunir em um só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados. A par disso, a rapidez da veiculação e a sua flexibilidade linguística aceleram a penetração entre as demais práticas sociais (Marcuschi, 2010, p. 16).

Em Komesu (2005, p. 98), a autora testemunha, no momento de sua pesquisa, a amplitude de assuntos que o suporte *blog* permite executar. A ideia inicial da definição apresentada é a vendagem do *blog* – uma vez que o *site Blogger*, que permitia a criação de *blogs*, estava interessado em vender o seu produto. No entanto, enquanto discurso em circulação, essa definição era uma autorização para que o conteúdo do *blog* não precisasse estar restrito ao que era de foro íntimo. Em outro estudo, Komesu (2010) aponta como caráter relevante dos *blogs* a natureza síncrona entre a escrita e a publicação, dado o fato de os textos que a autora analisa em sua pesquisa serem *blogs* disponibilizados pela ferramenta *Blogger*, um *software* que permitia a criação de *blogs* pessoais.

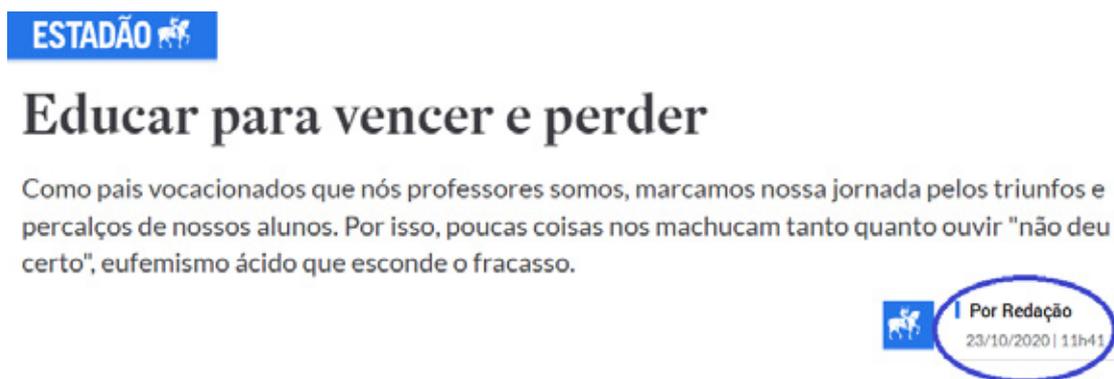
Tomando a concepção de gênero elaborada por Maingueneau a partir de Bakhtin (2016), o gênero do discurso se pauta pelo reconhecimento das condições de produção, pois “[...] há gênero a partir do momento que vários textos se submetem a um conjunto de coerções comuns e [...] os gêneros variam segundo os lugares e as épocas” (Maingueneau, 1997, p. 35). Na qualidade de suporte de veiculação de gêneros discursivos vários, o *blog* tem um caráter particular. Atividades humanas distintas resultam no surgimento de *blogs* especializados em assuntos como educação, saúde, economia, *design*, moda. Um dos

motivos para que esse fenômeno fosse possível talvez tenha sido o de que “[...] o *blog* é, de fato, uma mídia independente das grandes corporações, mas que reclama um espaço nelas” (Schittine, 2004, p. 162). Outro fator que pode ser considerado como pertinente para a disseminação do *blog* e a mudança de seu estatuto é o fato de ele ter caráter cronológico “[...] com anotações diárias ou em tempos regulares que permanecem acessíveis a qualquer um na rede” (Marcuschi, 2010, p. 72).

O espaço virtual “Blog dos Colégios” surge como ambiente comunicativo num ponto desse processo pelo qual passou o *blog*. Imaginada como mídia independente das esferas oficiais de comunicação social, almeja, ainda assim, e de fato assume, um lugar institucionalizado de enunciação.

No caso desse *Blog*, a natureza síncrona não se confirma; tampouco ele registra opiniões pessoais, mas representa direta ou indiretamente instituições de ensino, já que, no segundo caso, as publicações são assumidas por colaboradores instituídos como representantes. Portanto, consideradas as diferentes “cenas genéricas” (Maingueneau, 1997) que compõem os textos disponibilizados nesse material, não é possível assumir que tenha havido sincronicidade entre a escrita e a postagem, já que esses textos podem ter sido enviados à editoria do caderno *Estadão.edu* para, posteriormente, serem incluídos nos *blogs* pela equipe do jornal, por exemplo. Nesse caso, a data que figura como elemento “paratextual” (Genette, 2009) da postagem representa o momento de disponibilização midiática do texto, não necessariamente o momento de sua escrita. A Figura 1, disposta abaixo como exemplo, evidencia que a postagem foi feita “Por Redação”, seguida da data (23 de outubro de 2020) e do horário (11h41) da postagem.

Figura 1. Print da tela de um dos *blogs* estudados



Fonte: Elaboração própria

No caso dos textos de *blogs* institucionais, o espaço de enunciação fica bastante marcado: (i) pela localização geográfica dessas instituições de ensino, pertencentes ao estado de São Paulo – a maioria delas, à capital do estado; (ii) pelo reconhecimento socioeconômico

e cultural dessas instituições de ensino, cujo público é a classe média alta ou a classe alta dessa região; e (iii) pela espacialização virtual dessas enunciações, todas compondo um *site* de uma instituição midiática tradicional – o jornal *O Estado de São Paulo* –, considerada a conjuntura da institucionalização da imprensa. Dada a necessidade de se fazer ser visto no ambiente da concorrência e da racionalidade do capital, e dado o fato de que o *blog* permite fazer ver e ser visto, para as instituições de ensino parece ter sido uma decisão pragmática aceitar o convite. Assim, muito conteúdo passa a ser produzido e publicado nos *blogs*, cada qual adotando a nomeação da instituição de ensino que assume a autoria do material. Contudo, as produções não são lineares, nem estáveis, sendo variável a quantidade de publicações por instituição. Desde 2015, houve a entrada e a saída de escolas parceiras e *blogs* que ficaram desativados (acessíveis por meio da pesquisa do título dos textos).

Do ponto de vista do gênero produzido para o “Blog dos Colégios”, eles parecem aproximar-se, em um primeiro momento, de artigos de opinião, alguns assumindo o tom de divulgação científica, por meio dos quais as instituições enunciantes – ou seus colaboradores diretos – propõem reflexões sobre a educação e os temas caros às chamadas boas práticas educativas na contemporaneidade. Contudo, a leitura do material – considerados o investimento linguístico (em sua intersemiose visual) na configuração dos *blogs* e o dado histórico do empresariamento da escola –, faz ver que os materiais publicados, ainda que difiram composicionalmente e possam ser classificados sob “cenas genéricas” distintas, são anúncios publicitários cuja argumentação é construída no sentido de vender produtos de um determinado modelo de educação por meio da divulgação daquilo que, no jargão econômico, “se entrega ao consumidor”, resultando numa conformação geral de educação como mercadoria. Assim, no percurso que vai da leitura do material até a produção dos dados de pesquisa, buscamos capturar eventos de linguagem que materializem, na língua, a historicidade desse contexto sócio-histórico como parte determinante das condições de produção do discurso do mercado educacional, dando lugar a produtos ligados tanto à tradição quanto à novidade, por remissões a formações discursivas preexistentes, abrindo, nas rupturas e também nas contradições, a possibilidade de aparecimento de uma posição enunciativa própria – a do próprio mercado – nesse campo discursivo.

O recorte do material e a noção de “arquivo”

Como dissemos, o recorte do material de pesquisa coincidiu em grande parte com a duração da pandemia de covid-19, evento catalisador (não, entretanto, origem) que, como fator de crise, acabou por favorecer mudanças no ensino, algumas das quais já previstas em documentos produzidos por órgãos nacionais e internacionais: no Brasil, vale lembrar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), produzida pelo Ministério da Educação entre os anos das gestões dos ex-presidentes Michel Temer e Jair Bolsonaro; em nível plurinacional, o relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (Unesco, 1996, 2012).

A escolha do recorte é tributária, em primeiro lugar, de uma delimitação metodológica particular do fato observado, para a qual são consideradas as “condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de signos (não sendo esta forçosamente gramatical nem logicamente estruturada) uma existência, e uma existência específica” (Foucault, 2016, p. 132). A constituição e a leitura do “arquivo” são concebidas de modo a “[...] tentar tornar visível e analisável essa transparência tão próxima que constitui o elemento de sua possibilidade” (Foucault, 2016, p. 137).

Deriva daí a ideia de que a leitura do “arquivo” depende de se compreender os enunciados como “acontecimentos discursivos” (Foucault, 2016), os quais aparecem

[...] graças a todo um jogo de relações que caracterizam particularmente o nível discursivo; [...]. O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares; [...] é o que, na raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, o *sistema de sua enunciabilidade* [...] é o que define o modo de atualidade do enunciado-coisa: é o *sistema de seu funcionamento* (Foucault, 2016, p. 158, grifo do autor).

Considerando esse jogo de relações na constituição do recorte, neste trabalho, entendemos que se, por um lado, a leitura do “arquivo” se dá pelo reconhecimento da existência dos enunciados numa dada conjuntura sócio-histórica, por outro, ela se materializa linguisticamente em eventos de linguagem, em que o encontro entre o linguístico e o histórico orienta a leitura: “É esta relação entre *língua* como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a *discursividade* como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo” (Pêcheux, 2014, p. 57-58, grifo do autor).

Tomando essas noções como recurso metodológico por meio do qual acessamos a história, concebemos a leitura do “arquivo”, no que concerne à linguagem, por meio de interpretações que conduzam à compreensão de como aquilo que foi dito o foi, naquele momento, naquele lugar, por um dado sujeito do discurso; ou seja, de que modo dada enunciação foi possível na circunstância em que se circunscreve e como sua repetição ocorre de modo não linear, já que marcada por polêmica, por rupturas e por contradição. No caso dos textos dos *blogs*, buscamos compreender como esses enunciados, enquanto “acontecimentos discursivos”, indiciam uma posição enunciativa assumida.

Destaque-se que o “[arquivo] jamais é dado; [...] seu funcionamento é opaco” (Guilhaumou; Maldidier, 2016, p. 243). Ele é tomado, portanto, como o reverso do recorte transparente que comumente se define como a delimitação (temporal, temática, institucional etc.) de um *corpus* de pesquisa. Na tentativa de destacar, descrever e explicitar os eventos de linguagem identificados, tomamos de empréstimo o conceito de “tradições retóricas”

(Guilhaumou; Maldidier, 2016, p. 118), na perspectiva do que eles propõem como meio de acesso ao “arquivo”. Ou seja, o “arquivo” impõe um percurso de acesso ao sentido, já que, segundo os autores, “o sentido não é dado *a priori*, ele se constrói a cada etapa da descrição, [de modo que] o sentido não está nunca pronto em uma estrutura; ele procede *da materialidade da língua e do arquivo*, ele é ao mesmo tempo restrito e aberto” (Guilhaumou; Maldidier, 2016, p. 244, grifo dos autores).

Outra intervenção teórica proposta pelos autores é a de partir da noção de “tema”, que “supõe a distinção entre ‘o horizonte de expectativa’ – o conjunto de possíveis atestados em uma situação histórica dada – e o acontecimento discursivo” (Guilhaumou; Maldidier, 2016, p. 118). Uma vez definido o tema de interesse – no caso dos autores, a questão do pão no contexto da Revolução Francesa –, é sugerido um “trajeto temático” que recorta o tema na direção de uma análise desse trajeto. Esta, por sua vez, “[...] se apoia sobre o conhecimento de tradições retóricas, de formas de escrita, de usos de linguagem e, antes de tudo, coloca em destaque o novo na repetição” (Guilhaumou; Maldidier, 2016, p. 118). Para a construção do *corpus*, os autores partem da ideia da construção de um “cotexto”, “[...] o agrupamento de enunciados que remetem à perspectiva mais ampla sobre o tema estudado e que, ao mesmo tempo, mostram as recorrências linguísticas” (Guilhaumou; Maldidier, 2016, p. 120).

Neste estudo, dirigimos nossa atenção aos textos produzidos pelas instituições de ensino e por seus colaboradores diretos, os quais manifestam o que os autores que estamos rerepresentando chamam “usos sociais da língua”, usos que, em nosso caso, são marcados pelo contexto do que é apresentado como a “novidade” em educação. Abre-se, portanto, a possibilidade de se propor o que os autores denominam “trajeto temático”, demarcado por atos de linguagem que tornam possível trazer à luz algumas “tradições retóricas” – fruto da análise de um “cotexto” (Guilhaumou; Maldidier, 2016) em construção – que iluminam, na materialidade da linguagem, a “novidade” na repetição. Consideradas as ocorrências de “tradições retóricas”, propomos fragmentos de textos, e a eles, leituras parafrásticas, um primeiro gesto de interpretação, no sentido de pôr em evidência um acontecimento discursivo. O percurso segue até chegar ao “outro” desse discurso que toma o “novo” como ponto de partida para a argumentação, ou seja, até chegar à polêmica que marca o encontro de duas “formações discursivas” (Pêcheux, 2014, p. 147).

Nesse procedimento, operamos, além de uma tradição retórica, com duas outras noções: a de “destacabilidade” – “[...] enunciados⁶ que se dão como autônomos, de um ponto de

6 Neste trabalho, um enunciado não corresponde sempre ao que, sintaticamente, corresponderia a uma oração. Entendemos, pois, por enunciado, toda expressão (de qualquer extensão) cujo acabamento de sentido ressoa uma sobreasseveração, seja ela produto do enquadramento numa dada visão: do objeto de discurso (o que é “novidade”, o que é “tradição”, por ex.); da relação com o outro (aquele que assevera o verdadeiro frente ao falacioso, por ex.); da relação com o já dito (por recusa ou por legitimação).

vista textual [...] e de um ponto de vista enunciativo (são generalizações)” (Maingueneau, 2014, p. 14) – e também com a noção de “sobreesseveração” – “uma sequência ‘sobreesseverada’ é relativamente breve, portanto, memorizável, e constitui uma tomada de posição do enunciador sobre uma questão polêmica” (Maingueneau, 2014, p. 15, grifo do autor). Destaque-se a formulação de Maingueneau quando, ao falar sobre a “destacabilidade”, afirma que esses “enunciados [...] se dão como autônomos”.

A destacabilidade e a sobreesseveração correspondem, portanto, nesta análise de *blogs* do “Blog dos Colégios”, a noções orientadoras dos recortes da cadeia textual que registram as propriedades do “arquivo”. Por esse recurso metodológico, constitui-se o conjunto de recortes como réplicas ao “arquivo”, que se manifesta tanto na composição do *corpus*, quanto na vida social, da qual esses *blogs* são apenas uma ínfima, mas importante, manifestação. Eis, pois, entre o conjunto de recortes (o *corpus*) e a vida social (num horizonte social amplo), o lugar em que o “arquivo” se define neste trabalho.

Proposta de análise

A primeira entrada para o material consistiu na identificação de algumas tradições retóricas que se mostraram recorrentes na instauração do que é dado como tradição e do que é dado como novidade em educação. Assim, chegamos à definição de cinco manifestações linguísticas dessas tradições retóricas: i) a predicação; ii) a repetição e a paráfrase; iii) o aspeamento, o itálico e o negrito como marcas de “heterogeneidade mostrada” (Authier-Revuz, 2008); iv) os marcadores de finalidade; e v) as relações formais entre sequências produzidas com “e”, com “ou” e com “mas”, destacando sequências que marcam relação entre tradição e novidade.

Extraídas do próprio material analisado, essas tradições retóricas foram utilizadas como categorias orientadoras do destaque de eventos de linguagem que marcassem o cruzamento de “formações discursivas” (Pêcheux, 2014, p. 147), as quais, ao polemizarem entre si, instanciam “tradição” e “novidade”, relação que provê a regularidade do repetível desse discurso, marcado por contradições, que deixam ver a não linearidade dessa polêmica.

Para cada texto do material, foi construído um quadro que detalha a incidência dessas categorias – em recortes estabelecidos sob o pano de fundo das propriedades da “destacabilidade” e da “sobreesseveração” – e apresenta uma leitura parafrástica de cada uma delas como primeiro passo na direção de uma proposta analítico-interpretativa.

Por falta de espaço, além de nos limitarmos a um único texto, apresentamos um quadro reduzido (cf. Quadro 1, na página seguinte), com exemplos (não exaustivos) de apenas uma das tradições retóricas, a predicação, a partir de um texto do *corpus*, “Educar para vencer e perder”.

Quadro 1. Tradições retóricas extraídas do texto 1

TEXTO 1 (2020): Educar para vencer e perder		
TRADIÇÃO RETÓRICA	INCIDÊNCIAS	LEITURA PARAFRÁSTICA
Predicação neste trabalho, entendida como a relação entre predicado e argumento tanto em proposições quanto em sintagmas.	Linhas 1-2: “Como pais <i>vocacionados que nós professores somos</i> , marcamos nossa jornada pelos triunfos e percalços de nossos alunos.”	Frase inicial do texto, sustenta o argumento com o qual a escola se apresenta como opção: o da romantização da escola e do professor, projetando uma mercadoria, produzida pela adjetivação destacada em itálico que instancia a posição enunciativa da tradição em educação, recorrendo, para isso, à voz do senso comum em relação à docência.
	Linhas 2-3: “Por isso, poucas coisas nos machucam tanto quanto ouvir ‘não deu certo’, eufemismo <i>ácido que esconde o fracasso.</i> ”	Fecho do parágrafo inicial com argumento contrário ao conformismo em relação ao fracasso. A expressão “não deu certo”, interpretada como eufemismo, é argumento cuja predicação, por dupla adjetivação (“ácido”; “que esconde o fracasso”), alude à defesa de educar para gerir e vencer o fracasso.
	Linhas 4 a 7: “Não é a primeira vez que aqui venho falar desse estigma cultural que, em inglês, parece mais danoso e se exprime pela palavra <i>loser</i> , uma ofensa que traz em seu conteúdo a síntese de uma civilização cruelmente <i>bipolarizada, cujas referências para a vitória são absolutamente falaciosas</i> ”	O grupo adjetivo “cruelmente bipolarizada” em vez de “cruelmente polarizada”, aplicado a “uma civilização”, acentua o binarismo em questão e evoca uma certa instabilidade do corpo social, fato reforçado pelo intensificador “cruelmente”, destacando-se, ainda, que a “bipolarização” (fracasso/sucesso) supõe a mesma potência para cada um dos dois polos, o que corresponderia a um desvio da perspectiva da educação para vencedores (infere-se que defendida por outras escolas). Tentativa de contextualização social que justifique “Educar para vencer e perder”, título do texto.
	Linhas 10 a 14: “Quais são as referências éticas e existenciais a se considerar para afirmar que uma vida foi em vão ou exitosa? Vincular a felicidade a valores <i>transitórios e materiais</i> que jogam	Cercando o argumento contrário ao indagar pelas suas referências, não dotadas de qualificativos como “éticas e existenciais” e questionando a qualificação de uma vida apenas como “em vão ou exitosa”, o enunciador encontra um modo de atacar a concorrência (os que “jogam legiões [...] numa carreira <i>suicida</i> ”), distanciando-se dessa posição que associa sucesso ou fracasso à felicidade ou à sua falta. Polêmica entre duas posições enunciativas – a

	<p>legiões de <i>infelizes</i> numa carreira <i>suicida</i> de perseguição ao inalcançável para manter engrenagens <i>azeitadas</i>", já se revelou o <i>grande</i> equívoco"</p>	<p>da tradição e a da novidade – evidenciada por reafirmar, por vezes, a tradição e por questionar a novidade identificada simplesmente como sucesso na carreira. Nas linhas 13-14, o argumento é reafirmado pela denúncia de "engrenagens <i>azeitadas</i>" e na linha 14, destacado pela extensão do equívoco: "<i>grande</i>".</p>
	<p>Linha 15-16: "Pulsa nos jovens um anseio muito muito <i>forte</i> de romper com esses horizontes <i>míopes</i>" Linha 16-17; "Um <i>novo</i> universo <i>de valores</i> se entrevê nas trincas <i>de estruturas periclitantes</i>".</p>	<p>Evocação ao frescor da juventude pelos adjetivos em destaque (linhas 15-16), a qual ansiaria por uma novidade em relação às estruturas do que é apresentado como novidade e que não se sustenta. A menção à polêmica tradição/novidade retorna nas linhas 16-17, marcada pelo adjetivo "<i>novo</i>", qualificando o argumento "universo de valores", e se opondo ao que se poderia ver nos desvãos "<i>de estruturas 'periclitantes'</i>". Argumento que tenta solidificar a recusa a certo tipo de novidade em favor de uma visão de educação distanciada da ideia fixa de sucesso, não sem contradição, já que parece supor a garantia da escolha, desconsiderando-se que ela está presa a contingências pessoais, sociais e históricas.</p>
<p>Todo o desenvolvimento do texto segue afirmando o papel libertador, consequente e responsável da escola ao conduzir o estudante a uma escolha pessoal, base para seu sucesso. O argumento é o de que os projetos feitos em função de "ideais" do estudante podem se alterar, mas não os próprios "ideais", o que significa que um projeto pode fracassar e ser refeito, sem que comprometa a direção dos "ideais" do estudante.</p>		
	<p>Linhas 34 e 35: "Apoiar as descobertas <i>da vida</i>, incentivar projetos mesmo que aparentemente <i>inalcançáveis</i>, reunir e disponibilizar o conhecimento <i>pertinente</i>".</p>	<p>Nessas linhas, a proposta se concretiza: qualificam-se as "descobertas" a serem apoiadas pela escola como sendo "<i>da vida</i>"; defende-se incentivar projetos "<i>aparentemente inalcançáveis</i>", isto é, reserva-se uma margem à utopia, prometendo, para tanto, "o conhecimento <i>pertinente</i>". Neste ponto, o papel eficiente da instituição enunciadora, instanciado pelo termo "<i>pertinente</i>", localiza o dizer no âmbito de uma competência, ao mesmo tempo, da escola e a ser alcançada pelo estudante. Neste ponto, próximo ao fechamento do texto, a competência da instituição, justifica-se por uma associação entre novidade (abrir espaço para o inaudito) e tradição (associação à competência disponibilizada), o que instancia uma posição enunciativa intermediária entre tradição e novidade.</p>

	Linhas 41-42: Na luta por um ideal, conscientemente, <i>abraçado</i> , cada percalço será <i>uma vitória</i> e não existirá “quem não deu certo”!	Em consonância com o tom assumido desde o início, o texto se fecha com ênfase no comprometimento do estudante com a sua vontade, com seu “ideal, conscientemente, <i>abraçado</i> ”, redefinindo-se os fracassos como “percalço”, visto sempre como “uma vitória” em função do referido comprometimento.
--	---	--

Fonte: Elaboração própria

Discussão dos resultados

Após a construção das categorias emanadas da leitura do *corpus*, foi possível, como exemplificado na página anterior, levar a cabo um primeiro exercício de leitura, ponto de partida para a interpretação dos resultados. Tudo quanto afirmamos parte, uma vez mais, do texto intitulado “Educar para vencer e perder”, que é, no que concerne ao gênero do discurso, um texto de propaganda que simula um artigo de opinião. Com efeito, ele tem, como objetivo, construir, para a instituição de ensino que ocupa o papel de enunciadora, um *ethos* (Maingueneau, 2010, p. 79) de instituição preocupada com a relação entre o estudante e o mundo e, portanto, atenta aos desafios impostos aos jovens. No entanto, não é o aspecto da inovação tecnológica, como é comum ocorrer, que tem centralidade nesse texto. Em vez de um *slogan*, o texto aqui analisado se apresenta como uma reflexão, que, na gratuidade de sua realização, analisaria o lugar da educação na contemporaneidade e a necessidade de, em um mundo competitivo e brutal, balizar o sucesso e o fracasso pela tenacidade do empenho (o que resultaria de uma escolha orientada por um “ideal”) e num modelo de ensino que, valorizando o sucesso, prima pela valorização da resiliência, modo, inclusive, de gerir o fracasso, produzindo, por uma manobra retórica, a equalização materializada na linguagem pela coordenação:

1. “vencer e perder”.

Para sustentar essa posição, os enunciados são marcados pelo uso recorrente e excessivo de predicções, o qual propicia a marcação da posição enunciativa dominante no texto (“pais vocacionados que somos”), do outro a quem se dirige (os jovens que têm um “anseio muito forte”, mas que talvez sejam, também, o de suas famílias). Constitui essa assertividade, mas como um “outro” rechaçado no processo do dizer, a tradição, caracterizada pelas “estruturas periclitantes”. De fato, os qualificadores presentes nos excertos destacados no quadro da página anterior, os quais constroem a progressão temática do texto, inscrevem o dizer em uma “formação discursiva” – a da escola renovada, que atenderia às necessidades dos estudantes – em relação polêmica com a escola “tradicional”, ultrapassada, que representaria um *status quo* nocivo à necessária formação do sujeito orientada para os desafios que a vida imporia. Por exemplo, em construções como estas:

2. uma ofensa que traz em seu conteúdo a síntese de uma civilização cruelmente *bipolarizada*, *cujas referências para a vitória são absolutamente falaciosas*.
3. “valores *transitórios e materiais* que jogam legiões de *infelizes* numa *carreira suicida*”

Nota-se, na predicação utilizada, que o caráter de “bipolarizada”, por exemplo, intensificado pelo modalizador “cruelmente”, aparece um tom pessimista para a imagem construída de civilização, o que é associado à posição enunciativa da tradição em educação, a qual não atenderia ao que é relevante para o sucesso do estudante. Por esse motivo, a predicação seguinte “cujas referências para a vitória são absolutamente falaciosas” remonta a uma ideia de fracasso e de sucesso – em associação à coordenação “vencer e perder” e às predicações “legiões de infelizes” e “carreira suicida”). Essas predicações, em conjunto, instanciam o aprendizado ao longo de toda a vida, o qual vincula novidade à ideia de escolha a partir de um ideal próprio, espécie de racionalidade que, quando considerados os fatores circunstanciais e constitutivos, como o da família, raça, sexo etc., não se distancia muito da responsabilização do indivíduo presente no modelo neoliberal que tem atravessado a escola.

Nessa perspectiva, a cadeia de significação localiza o dizer e aponta na direção daquilo que se recusa: a tradição em educação é, em resumo, aquilo que escraviza o educando e, por esse motivo, precisa ser eliminado do caminho, para que seja possível a renovação da educação. Ao mesmo tempo que é possível destacar os elementos que instanciam o lugar da recusa, também há a possibilidade, no encadeamento dessas construções, de ver ser iluminada a posição enunciativa assumida pelo sujeito que fala nesse texto, como exemplifica a seguinte passagem, por meio da predicação “pertinente”:

4. “reunir e disponibilizar o conhecimento *pertinente*”

Esse exemplo posiciona o enunciador no lugar do portador de respostas para diferentes “conhecimentos pertinentes” a depender da escolha orientada pelo ideal a ser perseguido pelos diferentes estudantes. Aí está a novidade: oferecer um produto capaz de preparar o estudante para o mundo com eficiência e, sobretudo, com o comprometimento do próprio interessado.

Ainda pensando nas correias da predicação, é possível, também, destacar a sequência que marca o interlocutor presumido dessa enunciação. Pelo fato de o texto ter características de um artigo de opinião, somos levados a pensar que a enunciação está dirigida a um “auditório universal”, sendo aberta, desse modo, a todo sujeito que ocupe o lugar de interlocutor. Contudo, temos uma cadeia de predicações que aponta para o fato de ser, na prática, um “auditório particular”, o de potenciais compradores do serviço oferecido – que aparenta ser individualizado e estruturado para uma novidade na educação. Há uma ideia

de individualização do processo de aprendizagem, que corrobora as tendências globais de uma educação cujo discurso fundante é, segundo Laval (2019), o do “aprendizado ao longo da vida”. Ainda segundo o autor, a ideia de aprendizado ao longo da vida “[...] realizada dentro e fora das instituições, [...] está em todo lugar e em lugar algum, confunde-se com a vida pessoal do eterno educando ‘incumbido’ do dever permanente de aprender” (Laval, 2019, p. 74, grifo do autor). Não fica muito distante desse “permanente aprender” o que a BNCC anuncia como o necessário desenvolvimento da aptidão do sujeito para a instabilidade constante de um mundo em transformação, fato que se concretiza no currículo escolar pela disciplina “Projeto de vida”. Assim, a predicação massiva situa o dizer, marcando o lugar da enunciação (e configurando o *ethos* do enunciador) pelo “outro” que, em relação polêmica, é recusado. O interlocutor presumido e preferível parece ser o da enunciação do anúncio publicitário.

Considerações finais

Em função do espaço restrito, retomamos, sucintamente, os principais passos deste trabalho.

No processo de estabelecimento dos dados, partimos de nosso interesse (pessoal e profissional) quanto à divulgação de ideias sobre educação por parte de colégios da rede privada num jornal tradicional de São Paulo. Coletamos uma amostra, orientada cronologicamente pelo evento da epidemia de COVID-19, mas, para efeito de observação do movimento que já se prenunciava desde 2015 (data da criação do “Blog dos Colégios”), recuamos ao ano de 2019, quando a pandemia ainda não havia se manifestado.

Os dados de pesquisa recortados dos textos dos *blogs* permitiram o acesso ao *arquivo*, que, por sua vez, faz emergir – na materialidade linguística das tradições retóricas elencadas –, índices de recortes destacáveis em sobreasseveração, ou seja, o cruzamento entre o linguístico, o social e o histórico, de modo a tornar possível a leitura analítico-interpretativa que ilumina, no repetível, os pontos de ruptura e contradição que fazem ver o cruzamento da polêmica tradição x novidade no contexto desse discurso no campo da educação.

Propusemos ilustrar o procedimento de produção dos dados pela análise de um texto. Quanto às tradições retóricas (Guilhaumou; Maldidier, 2016), das cinco manifestações dessas tradições: i) predicação; ii) repetição e paráfrase; iii) aspeamento e negrito como marca de “heterogeneidade mostrada” (Authier-Revuz, 1990); iv) marcadores de finalidade; e v) relações formais entre sequências produzidas com “e”, com “ou” e com “mas”; exemplificamos, neste artigo, apenas a predicação. Tomando o social e o histórico como constitutivos dessas manifestações linguísticas particulares, pudemos chegar ao fato discursivo da polêmica tradição x novidade, ponto fulcral da definição de duas “formações discursivas” que conflitam – não sem contradições – no cenário da divulgação e da propaganda do trabalho desenvolvido em escolas privadas de São Paulo na atualidade.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. *Ces mots qui ne vont pas de sois – boucles réflexives et non-coïncidences du dyre*. Paris: Larousse, 1995. p. 3-45.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. In: GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. *Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso*. Tradução Carolina P. Fedatto e Paula Chiaretti. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.
- KOMESU, F. C. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs na internet*. 2005. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- LAVAL, C. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Tradução Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. Tradução Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MAINGUENEAU, D. *Frases sem texto*. Tradução Sírio Possenti et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução Freda Indursky. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. et al (org.). *Hipertexto e gêneros digitais: as novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15-80.
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. et al. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Tradução Bethânia S. C. M. et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 57-67.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni P. O. et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

SCHITTINE, D. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

UNESCO. DELORS, J. et. al. (org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. Tradução José C. E. 7. ed. revisada. São Paulo: Cortez, 2012.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Página institucional. Jornal *O Estado de São Paulo*. Apresenta notícias sobre o Brasil e o mundo; entre todos os serviços oferecidos, está o “Blog dos Colégios”. Disponível em: <http://m.estadao.com.br/tudo-sobre/blog-dos-colegios>. Acesso em: 17 jul. 2023.

ANEXO 1

Educar para vencer e perder

23 de outubro de 2020 | 11h41

1 Como pais vocacionados que nós professores somos, **marcamos nossa**
2 **jornada pelos triunfos e percalços de nossos alunos.** Por isso, poucas coisas nos
3 machucam tanto quanto ouvir “não deu certo”, eufemismo ácido que esconde o
4 fracasso.

5 Não é a primeira vez que aqui venho falar desse estigma cultural que, em
6 inglês, parece mais danoso e se exprime pela palavra *loser*, uma ofensa que traz
7 em seu conteúdo a síntese de uma **civilização cruelmente bipolarizada, cujas**
8 **referências para a vitória são absolutamente falaciosas, estreitando, ou quase**
9 **extinguindo, o caminho para a felicidade genuína.**

10 O que é “não dar certo na vida”?

11 **Quais são as referências éticas e existenciais a se considerar para**
12 **afirmar que uma vida foi em vão ou exitosa?**

13 Vincular a felicidade a valores transitórios e materiais que jogam legiões
14 de infelizes numa carreira suicida de perseguição ao inalcançável para manter
15 “engrenagens azeitadas”, já se revelou o grande equívoco. **Não será essa a via**
16 **pela qual os muitos “ismos” sobreviverão. Pulsa nos jovens um anseio muito**
17 **forte de romper esses horizontes míopes. Um novo universo de valores se**
18 **entrevê nas trincas de estruturas periclitantes.**

19 **Educar para a conquista da felicidade é a missão indeclinável da**
20 **educação.** Nada mais triste do que contemplar multidões de “vencedores”
21 infelizes ostentando com tristeza currículos de sucesso social e de fracassos
22 pessoais. Está terminando a era em que a vitória se media pela quantidade de
23 carros novos que uma pessoa possuiu.

24 Assistimos pais e educadores preparando guerreiros para lutas que não são
25 deles, que não puderam escolher, ou mesmo tinham consciência do motivo e para
26 quem lutavam.

27 **A escola deve ter um papel libertador, não libertário, pois consequente**
28 **e responsável.** É muito desolador ver nossos jovens, ao terminarem o ensino
29 médio, serem “doutrinados para a luta pelo mercado”. **Seres humanos felizes**
30 **com o que na vida, realmente, escolheram, jamais temerão vicissitudes**
31 **momentâneas. Não terão concorrência fatal, pois recriarão seus projetos sem**
32 **abrir mão de seus ideais.**

33 Neutralizar pressões externas pela via da conscientização do contexto
34 social do aluno é o núcleo vital do trabalho de orientação vocacional, ou
35 seja, **ajudar o educando a se descobrir parcela de um todo muito mais amplo,**
36 **complexo e poderoso para, olhando esse todo com uma visão mais lúcida e**
37 **crítica, fazer suas escolhas.**

38 **Nos cabe instrumentalizar o educando para se descobrir, para ter as**
39 **ferramentas necessárias para fazer o seu próprio caminho, para ser**
40 **imunizado de pressões externas que valorizam os troféus de plástico dourado,**
41 **honrarias escritas em pergaminho falso. Apoiar as descobertas da vida,**
42 **incentivar projetos mesmo que aparentemente inalcançáveis, reunir e**
43 **disponibilizar o conhecimento pertinente e, sobretudo, as competências para**
44 **a realização pessoal de cada educando é a missão indiscutível da escola.**
45 **Na luta por um ideal, conscientemente abraçado, cada percalço será**
46 **uma vitória e não existirá “quem não deu certo”!**

(Grifo do autor. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/educacao/colegio-faap/educar-para-vencer-e-perder/>. Acesso em: 10 jun. 2023)